

SOB O SIGNO DA MARGINALIDADE: SAMUEL RAWET E O VAGABUNDO

Débora Magalhães Cunha Rodrigues¹

Resumo: Samuel Rawet foi engenheiro de formação e dedicou-se à ficção sem grandes expectativas financeiras. Porém, obteve reconhecimento em ambas empreitadas, participando da equipe de Oscar Niemeyer como calculista de concreto armado, e como ficcionista, foi recebido inicialmente com distinção pela crítica. Perseguiu em suas construções ficcionais e ensaísticas a figura do vagabundo, paralelamente a isto, edificou uma imagem de escritor que ficaria conhecida, sobretudo, pelo ar arredo e isolado. A proposta deste artigo é discutir algumas questões sobre Rawet e a formação do cânone marginal, a partir das considerações de Paulo Roberto Tonani do Patrocínio em *Escritos à margem*. Atualmente, com nossos olhares voltados também para o que se produz nas periferias, atentamos para escritores precursores que podem ter viabilizado o marginal como projeto literário. Sendo assim, pretendemos relacionar o aspecto estético e literário da obra de Samuel Rawet a uma forma peculiar de enunciação ética, que pode contribuir para repensarmos a construção do discurso sobre as minorias.

Palavras-chave: Samuel Rawet; cânone marginal; literatura marginal.

UNDER THE SIGN OF MARGINALITY: SAMUEL RAWET AND THE BUM

Abstract: Samuel is an Engineer by graduation, but devoted to fiction, not aiming profit. Despite the fact of being devoted to fiction, Samuel has been recognized in both areas, being part of Oscar Niemeyer's team as a structural calculator, and, as fictionist had been well accepted by critics. On his fictionist constructions, pursued the figure of the vagabond, which made him known as an isolated writer. The main objective of this article is to wonder about Rawet and the formation of the marginal canon from the considerations of Paulo Roberto Tonani do Patrocínio in *Escritos à Margem*. Nowadays, with our eyes also turned to what is produced in the periphery, we pay attention to writers who made the marginalized also a literary project. Thus, we intend to relate the aesthetics and literary aspects of Samuel Rawet to a peculiar form of ethical enunciation which may contribute to rethink the construction of the discourse on minorities.

Keywords: Samuel Rawet; marginal canon; marginal literature.

Samuel Rawet nasceu na Polônia em 1929 e chegou ao Rio de Janeiro em 1936. Instalou-se com a família nos subúrbios da Leopoldina, onde já se encontravam alguns familiares. Além de graduar-se em engenharia e participar de importantes projetos junto a Oscar Niemeyer, Rawet dedicou-se à literatura, mais especificamente contos e ensaios. Seu livro de estreia *Contos do Imigrante*, publicado em 1956, foi recebido pela

¹Graduação em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mestrado em estudos literários, culturais e interartes pela Universidade do Porto. Doutorado em andamento pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

crítica com entusiasmo. Jacob Guinsburg assinalou sobre o estreante: “As narrativas aí reunidas trazem o selo de um ficcionista que domina as possibilidades atuais do relato curto e as utiliza num temário bastante original, pelo menos na literatura brasileira” (GUINSBURG, 2008, p. 75). O conjunto de temas a que Guinsburg faz referência trata, não só, mas também, do imigrante de origem judaica no Brasil, seus ambientes e tipos, permitindo, ainda segundo o crítico, que o leitor tenha um panorama de sua fixação no país. Já Fausto Cunha ressalta no texto para a orelha da primeira edição de *Contos do Imigrante* que “algumas situações (...) não podem ser compreendidas em toda a extensão a não ser por quem conheça, ao menos superficialmente, certos hábitos e tradições judaicas” (CUNHA, 1956).

Estes temas e o seu caráter inaugural percebido pela crítica, involuntariamente ou não, concederam a Rawet um lugar peculiar na literatura brasileira, o de expressão judaica. Os contos posteriores aos de estreia não abandonaram a temática, mas tentaram dar contorno a outros tipos, entre eles, o vagabundo, o Ahasverus² e os sujeitos nômades.

Para Saul Kirschbaum, no artigo *Presença de Samuel Rawet na literatura brasileira: literatura e resistência em tempos de opressão*, a crítica literária sempre oscilou na forma de caracterizar a obra de Rawet entre literatura judaica brasileira e literatura brasileira:

Desde o início da carreira de Rawet, no entanto, tem-se observado que sua obra transborda o limite estreito de uma literatura de minoria para repercutir no marco geral da literatura brasileira. O próprio Jacob Guinsburg (...) localizou Rawet “entre a nova geração de contistas brasileiros”, enfatizando que “os *Contos do Imigrante* não giram exclusivamente em torno da vida dos judeus no Brasil”; ou seja, “focalizar aspectos da imigração judaica” é apenas uma escolha temática, nem ao menos exclusivista; um ponto de partida. Guinsburg percebe (...) que Rawet “procura seus personagens nas fronteiras entre os grupos, onde campeia o ser isolado e hostilizado, o homem desarraigado, entregue a si mesmo, que não conta com a solidariedade social porque é estrangeiro e emigrante em toda a parte”; dessa forma, a condição de imigrante ultrapassa o quadro histórico dos deslocamentos populacionais e reflete as tensões entre grupos minoritários, de qualquer natureza, com o meio hegemônico. Destaca-se, pois, a intensa preocupação ética de Rawet. (KIRSCHBAUM, 2007, p. 43. Grifo do autor)

² O judeu errante é também conhecido como Ahasverus. O mito de Ahasverus narra a história de um judeu que teria ironizado a situação de Jesus quando caminhava para ser crucificado. Jesus cansado de carregar a cruz faz uma pausa e Ahasverus ordena que ele caminhe. Neste momento, Jesus professa que ele, Ahasverus, é quem estaria condenado a caminhar até o fim dos tempos.

A crítica, portanto, torna-se responsável por impetrar um lugar para Rawet, seja como pioneiro da expressão judaica da literatura brasileira, seja como ilustre representante da literatura brasileira, sem particularizações. A crítica à obra de Samuel Rawet, no entanto, deve ser compreendida em dois períodos: aquela realizada quando das publicações de seus textos, que podemos nomear de primeira crítica; outra, mais contemporânea, que compreende a si mesma como responsável pelo resgate do autor, considerado um autor à margem ou maldito, que nomearemos de segunda crítica.

Sendo assim, a partir destas considerações iniciais, podemos elucidar outro conflito para compreender autor e obra: se, por um lado, por parte da primeira crítica, a discussão centrava-se em como classificar a obra de Rawet, por outro, o próprio autor reivindicava para seu texto e para a sua atividade como escritor, o conflito entre a grande literatura e a literatura marginal, como ficou conhecida posteriormente. Destarte, esta construção discursiva em torno do autor, ora como estrangeiro, ora como escritor marginal, contribui para que a segunda crítica reflita sobre o caráter híbrido de sua obra, levando em consideração não só a temática, mas também os gêneros que utilizou como instrumentos de expressão, o conto e o ensaio.

A imagem que seus primeiros leitores fazem dele é a de um homem culto, judeu, que por meio de seus textos dá voz aos grupos minoritários, independentemente da origem. O caráter erudito atribuído à sua obra vale-se muito da percepção inicial de texto hermético e da forma pouco habitual de manipular a língua. Estas questões são levantadas nos textos que receberam a obra deste autor em jornais e revistas da época, dividindo os críticos entre estupefatos e entusiasmados. Textos que hoje são facilmente encontrados porque foram reunidos por Francisco Venceslau dos Santos (2008), o que nos possibilita confrontar a análise da primeira crítica aos textos do próprio escritor.

A imagem que o próprio Rawet deseja para si, porém, não é a de homem culto, misterioso, mas a do carioca suburbano:

Aviso aos navegantes do mar de merda *da psicologia profunda*. Isto é prosa, prosa saborosa, bem carioca, brasileira, em que o palavrão, palavra reforçada por uma ambiguidade maior do que a usual, ainda assim palavra, humano instrumento, saboroso, precioso. (RAWET, 2008a, p. 237)

Este trecho foi retirado de um dos seus ensaios chamado *Devaneios de um solitário aprendiz da ironia*, de 1970, no qual Rawet desenvolve seu argumento sobre o

envolvimento ético entre autor e texto, cujo mote é o elogio à palavra vulgar, porém precisa, no lugar de verborragias incautas. Em outro ensaio, *Kafka e a mineralidade judaica ou a tonga da mironga do kabuletê*, o escritor também reivindicará a imagem e linguagem suburbanas como as que melhor ilustram sua atividade literária. Assim como lançará mão desta mesma linguagem para romper com a comunidade judaica:

Aproveito os comentários sobre o livro de Erich Heller, *Kafka*, (...) para fazer a minha declaração pública, a quem interessar possa, de meu desvinculamento completo e total de qualquer aspecto relacionado com a palavra *judeu*, familiar ou não. Não, não sou anti-semita (sic), porque semitismo não significa necessariamente judaísmo, sou *antijudeu*, o que é bem diferente, por que *judeu* significa para mim o que há de mais baixo, mais sórdido, mais criminoso, no comportamento deste animal de duas patas que anda na vertical. Não vou pedir desculpas pela linguagem vulgar. O meu vocabulário é o do carioca, e com pilantras é impossível, e inadequado, literária e estilisticamente, o emprego de vocabulário mais refinado. (RAWET, 2008a, p. 191)

Não iremos nos prender à discussão sobre o conteúdo do ensaio e suas implicações literárias, dado que já foi discutido por alguns pesquisadores e mereceria uma outra abordagem. O interesse neste trecho circunscreve-se à reivindicação de determinada linguagem, contrária àquela que a crítica menciona como sendo característica do autor, hermética e inabitual. O uso da palavra vulgar e sua expressão literária crescem à medida que encontra, nesta forma específica de linguagem, a precisão. Para Rawet esta expressão está sobretudo ligada a suas experiências, como afirma em entrevista a Flávio Moreira da Costa em 1975:

Sou fundamentalmente suburbano; o subúrbio está muito ligado a mim. Aprendi o português na rua, apanhando e falando errado – acho até que este é o melhor método pedagógico em todos os sentidos. Aprendi tudo na rua. Além de Leopoldina, morei em Ramos e em Olaria (RAWET, 2008b, p.431)

É sob este signo da suburbanidade, da marginalidade, no sentido estrito da palavra, que Rawet desenvolve seu trabalho e sua imagem como escritor. Na ficção, buscará explorar, portanto, a figura do vagabundo. Em outra entrevista a Ronaldo Conde, no jornal *Correio da manhã* de 07 de dezembro de 1971, o escritor assinala que seus textos não têm uma temática definida, e que aos poucos algumas figuras foram se esboçando para ele. Nega, no entanto, a figura arquetípica do judeu e enaltece a sua

imagem concreta, de imigrante: “A fase inicial do imigrante é muito bonita. É quando ele começa a lutar e, ou se ajusta ou se desajusta. Um tipo vitorioso, esse já não me interessa mais. É aquele que já ultrapassou a fase da luta, de afirmação pessoal, ou de fracasso” (RAWET, 2008c, p. 244). A narrativa após o fracasso é seu mote, que resultará em pesquisa dos matizes do vagabundo, “no bom sentido da palavra” (RAWET, 2008c, p. 244).

O vagabundo almejado por Rawet é a figura em conflito, sem apego a um espaço geográfico, que perambula buscando a experiência concreta e fugaz. Francisco Venceslau dos Santos chama atenção para a construção de uma *ética do dissidente* nas narrativas de Rawet (SANTOS, 2008, p. 582). Esta ética estaria na articulação entre, como assinalou Berta Waldman, “o exílio do judeu, o do pobre suburbano, do vagabundo, do negro, do solitário, dos marginalizados em geral, que erram longe do centro modelar dos padrões sociais, nas fronteiras entre os grupos” (WALDMAN, 2008, p. 528). O escritor judeu faz convergir em suas narrativas a percepção dessas personagens, extrapolando a temática da imigração judaica e analisando tipos marginalizados.

Pensando na ficção que se preocupou em representar estas figuras marginais, Paulo Roberto Tonani do Patrocínio desenvolveu importante estudo para mapear o cânone marginal, embrião das atuais produções literárias da periferia. Segundo Patrocínio, três são as vertentes que lidam com o conceito de literatura marginal: “os marginais da editoração, os marginais da linguagem e os marginais por apresentarem a fala dos setores excluídos dos benefícios do sistema capitalista” (PATROCÍNIO, 2013, p. 28). Interessa a Patrocínio a última categoria. Aqui nos interessaria apontar as três categorias como possíveis para pensar Rawet, seu texto e seu contexto literário.

Num primeiro momento, os seus contos são aceitos e publicados pela editora José Olympio. No entanto, Rawet percebe certa resistência à publicação de seus livros passando, então, a editá-los:

O problema editorial ou é muito complexo ou é muito simples. O que está acontecendo, na realidade, é que dizem que o conto não vende (...) os editores sumiram. Quer dizer, me recebiam muito bem, elogiavam muito, mas sempre recusavam. Resolvi, então, ser meu próprio editor. Vendi meu apartamento em Brasília e comecei a editar meus livros. E verifiquei que o conto não vende (RAWET, 2008c, p. 242).

Assim, o espectro de escritor à margem do *mainstream* literário consolidava-se, seja por que havia dificuldades para que as editoras aceitassem publicar seus livros, seja por que o próprio veículo literário, o conto, era também considerado gênero menor, marginal.

A segunda categoria assinalada por Patrocínio pode ser analisada como projeto literário de Rawet, porém com ressalvas a seu caráter ambíguo. Se Rawet, em alguns ensaios, assinala o cunho vulgar de sua linguagem, em seus textos ficcionais ela não aparece como elemento representativo, senão de forma pontual. Por isso, podemos compreender, a partir desta segunda categoria, que Rawet não é um marginal da linguagem, mas lança mão de uma linguagem marginal, em textos específicos, para construir uma narrativa como escritor, este sim forjadamente marginal.

A terceira categoria também poderia servir como chave de leitura para o autor de *Contos de Imigrante* por ter retratado grupos estimulados ou obrigados à emigração por conjunturas sociais, étnicas e econômicas. Voltaremos, no entanto, a este ponto mais adiante. Por ora, tratemos de compreender a formação do cânone marginal.

Para Patrocínio, o cânone marginal é formado por Orestes Barbosa, João Antônio e Antônio Fraga. Com exceção de Orestes Barbosa, os outros dois autores aparecem como referências na atual Literatura Marginal³ como homenagens ao seu pioneirismo. Do cronista Orestes Barbosa, ressalta a predileção pela cidade noturna, pelo malandro, pelas mulheres do vício e pelo espaço prisional. João Antônio é retomado por Patrocínio como também o escritor da esfera noturna da cidade e pela representação dos pivetes, das prostitutas, dos leões-de-chácara, da arraia miúda, enfim, personagens que povoam a margem urbana paulistana e carioca. Já nos textos de Antônio Fraga o destaque é para a oralidade da linguagem literária e o universo do Mangue.

Nos textos de Samuel Rawet, ficcionais e ensaísticos, encontramos também personagens que circulam pela cidade noturna, em prostíbulos, em ruas obscuras que caracterizam o submundo urbano. Entretanto, em suas narrativas, a figura do

³O autor entende como Literatura Marginal a produção literária e musical que retrata grupos à margem do sistema capitalista; e elaborada por estes grupos marginalizados. Mais estritamente, deseja compreender o *rap* como manifestação musical específica em um movimento, também específico que é a Literatura Marginal.

vagabundo, do marginalizado, escapa (ou vai além) em certa medida do marginal formulado pelo cânone da literatura marginal, como proposto por Patrocínio.

O vagabundo de Rawet tanto perambula pelos subúrbios cariocas como pelos submundos de Lisboa e de Barcelona. O marginal do mundo, ou pelo mundo, de seus textos acaba vinculado, pela crítica, à imagem do escritor, mais um judeu errante do que um vagabundo dos subúrbios cariocas, mesmo que suas declarações forjassem este último. No entanto, o que desejamos demonstrar é que Rawet pode ser compreendido como autor deste cânone marginal, que traz outros elementos além dos apresentados por Patrocínio.

Para Stefania Chiarelli, no livro *Vidas em trânsito*, a crítica contemporânea, ou segunda crítica, acabou por cristalizar o autor como escritor maldito e marginal, um mito que termina por empobrecer sua obra (2007). Não obstante, devemos ressaltar a importância de se compreender a construção do marginal – ou do vagabundo, como preferia Rawet – nos seus textos. Não se trata de encerrar a formulação do mito do marginal na figura do autor, mas de compreender a rentabilidade destas figuras para a construção de seu discurso literário e para o que Francisco Venceslau dos Santos chamou de *ética do dissidente*.

A construção intelectual desta identidade literária marginal, que pressupõe envolvimento ético, não foi exclusiva de Rawet. A literatura marginal, produzida nos anos de 1970 no Brasil, surge como resposta à estrutura política autoritária do período. Neste caso, os intelectuais veem seus projetos serem recusados pela classe média, quem os apoiava anteriormente. Com a classe média influenciada pelas prerrogativas conservadoras, os intelectuais viram na figura do marginal uma saída para o impasse sobre sua atuação. Assim, a apropriação das margens pelos intelectuais torna-se não apenas “um ato de solidariedade, mas de construção de uma identidade e de projeto, ligando sua condição de escritor à condição dos sujeitos marginalizados pelo avanço de um processo modernizador autoritário” (PATROCÍNIO, 2013, p. 28)⁴.

⁴Patrocínio alerta que os escritores que compõem o *corpus* estabelecido como canônico, por ele apresentado em *Escritos à margem*, é tido pelos autores da Literatura Marginal como pioneiros mais pelo aspecto político que literário. Neste artigo, não cabe utilizar o mesmo método de Patrocínio; não cotejaremos na literatura marginal contemporânea as homenagens e referências à obra de Samuel Rawet. Mas, sim, lançaremos uma questão sobre o caráter também pioneiro da obra de Rawet no que diz respeito à marginalidade. E de como ela pode ter contribuído para que ganhasse espaço atualmente como tema, possibilitando novos locais de fala.

Esta perspectiva acomodaria Rawet na literatura brasileira, contrário do que acontece, *grosso modo*, nos estudos sobre o autor, que estão mais atentos ao caráter universal de sua obra. Ou seja, os aspectos étnicos o colocam como judeu errante, pós-moderno e mais distante do contexto em que escrevia. A representação do estrangeiro, do deslocado, acaba por atribuir caráter ambíguo à sua trajetória e obra. No entanto, após período de redescoberta deste autor, faz-se necessário compreendê-lo como parte também de um processo, de diálogo e embate com ele. Senão, corremos o risco de jamais retirar este autor do isolamento, seja pelos temas que propôs, seja pela sua biografia polêmica. Cabe reformularmos a questão acerca de seu caráter estrangeiro: se para Rawet literatura é conflito e traição⁵, o vagabundo *rouba* (ou disputa?) o lugar do estrangeiro cosmopolita, para, rentabilizando a figura do marginalizado, enunciar um discurso ético.

Rawet reivindicava para si a autenticidade do suburbano carioca. Seu projeto literário dialoga com este período da história literária brasileira e o momento em que os estudos culturais começam a atentar para as vozes vindas das margens. Se o conflito produzido pela crítica de classificar sua obra, como autenticamente brasileira ou como a sua genuína vertente judaica, não se resolve, devemos atentar para a rentabilidade das figuras representadas pelos textos para a enunciação de um novo discurso. Ora, Rawet declarou que seu interesse se concentrava nas figuras em conflito: o que é o vagabundo senão o conflito entre realidade e expectativa; entre a norma e a exceção?

O vagabundo é este inadequado, talvez falido e fracassado, como o Carlitos de Charles Chaplin, que vagueia com seu chapéu coco surrado, uma bengala e, por vezes, uma maleta. Quando o imigrante cede lugar a esta figura, o discurso do escritor também sofre um deslocamento – ou melhor, mantém-se em movimento, do universal para o local e vice-versa. Reflete as tensões entre os grupos minoritários, que incluem também o imigrante, como ressaltou Kirschbaum, já citado anteriormente. O judeu errante é agora um Ahasverus suburbano.

Em *Crônicas de um vagabundo*, o protagonista entra em cena no momento em que passa a vagabundear; não sabemos nada de sua vida pregressa: “Era uma vez um vagabundo, pronunciou quando ergueu a maleta e caminhou em direção à rua. Gostaria um dia de ouvir uma história que assim começasse” (RAWET, 2004, p. 211).

⁵“Na verdade, a literatura é sempre *traição*. É preciso trair valores antigos para chegar a valores novos” (RAWET, 2008d, p. 328)

Protagonizar a vida de um vagabundo significa dar lugar e visibilidade a sujeitos à margem. O enredo é todo construído a partir das andanças do vagabundo, que não tem nome, e nas relações que estabelece com as pessoas que cruzam seu caminho. Nada de vínculos afetivos. O fato de o conto começar com “Era uma vez um vagabundo”, como desejo de que uma história ainda a ser contada, denota o seu lugar à margem também na literatura. A maleta é sua única propriedade e o elemento que lhe confere a segurança de quem sabe aonde deve chegar, em qualquer lugar, a qualquer momento (RAWET, 2004, p. 215). Era impulsionado a caminhar não porque houvesse destino, a caminhada encerrava-se em si mesma:

A sola cobria calçadas e ruas e em cada passada havia uma aproximação de território e ao mesmo tempo um abandono do anterior, território seu, absolutamente seu no instante em que o cobria com o sapato, mas também de todos os que antes ou depois dele passassem pelo mesmo rastro. O que criava uma noção de propriedade comum sem interferências nem choques, pois o território era ao mesmo tempo espaço absoluto de todos sem a mínima concessão. E eram uma infinidade de territórios, e cada um deles com a dimensão total. (RAWET, 2004, p. 216)

A personagem não pertence a nenhum território, os únicos a que pode reivindicar propriedade são os que seus pés ocupam, efemeramente. Lemos a trajetória de um homem após o seu fracasso, como salientou o próprio autor quando analisa seu interesse pela figura do imigrante. Não interessava mais a representação do sujeito deslocado porque migrante, mas a do homem que falha e nem por isso perde a humanidade. A partida não representa somente o deixar um lugar para trás, mas também um contínuo fazer-se pertencer ao lugar por onde passa, como exercício e construção de um ser ainda por existir.

É este vagabundo, sujeito fluido, que transita pela cidade, não exatamente a representação arquetípica do suburbano, mas a daquele sujeito que a atravessa de forma invisível pelo lugar ou função que ocupa em sua dinâmica – às vezes trabalha, às vezes biscateia. O conto é escrito num único parágrafo de mais de trinta páginas, transgredindo os moldes tradicionais do conto. Segue o que o próprio Rawet denominou de “movimento de consciência que se verbaliza” (RAWET, 2008c, p. 246). Trata-se de uma sequência de acontecimentos entremeados de sonhos e imaginação, muitas vezes não se percebe quando acaba a descrição de um ou de outro. As elucubrações da personagem acabam por configurar não a voz do sujeito marginalizado, que fracassou,

mas a sua consciência em diálogo com a projeção de outras consciências, o que evidencia o aspecto moral de sua presença no mundo. Assim como, revelam a necessidade de uma relação ética entre este sujeito e os outros, pois o fracasso é exatamente uma história que não correspondeu a uma expectativa, definida socialmente e culturalmente. O vagabundo então propõe uma outra forma de lidar com essas expectativas, mais consciente de seu caráter dissimulado:

Perde-se muito tempo à procura de um passado que desejaríamos existisse, mas que nunca existiu. Perde-se muito tempo com uma biografia que não nos agrada. Por que não pensar numa biografia de um futuro que no máximo pode ser ilusória e no mínimo uma esperança? (RAWET, 2004, p. 223)

Aqui podemos retomar aquela terceira categoria de Paulo Roberto Tonani do Patrocínio para compreender a Literatura Marginal: escritores que apresentam a fala dos setores excluídos dos benefícios do sistema capitalista, seja por que deles fazem parte, seja por que a partir desta fala desenvolvem seus projetos ou perfis literários. Rawet enuncia este tipo de discurso, chamando a atenção para a necessidade de um discurso ético sobre o dissidente, aquele que trai valores antigos para construir valores novos. Neste sentido, Rawet vai além dos elementos apresentados por Patrocínio, que caracterizariam a Literatura Marginal. Não se trata de somente dar voz ao marginalizado, mas questionar o seu lugar no mundo. O binômio margem/centro estabelece, *a priori*, quem está no centro e quem está à margem, e o fracasso não é aceito no centro do sistema capitalista.

A história do vagabundo de Rawet começa a ser contada a partir de seu fracasso quando lhe é dada a possibilidade de um futuro aberto, sem apegos a biografias passadas. É a história do dissidente que, se opondo aos valores antigos, dispostos numa tradição, edifica outros, ao longo do percurso. Esses novos valores, ou melhor, este novo discurso é baseado numa concepção ética das relações humanas que não torna absoluto os padrões de comportamento.

Podemos compreender o termo valores, aqui empregado, como um conjunto de processos que definem determinado grupo, ou mesmo, determinada cultura. Stuart Hall em *Pensando a diáspora* afirma que “cultura é produção” (HALL, 2013, p. 49). Mais do que um conjunto arqueológico de conhecimentos sobre o passado, a cultura é o

conhecimento da tradição, porém em movimento. Para Hall, é preciso pensar não o que as “tradições fazem de nós, mas daquilo que nós fazemos das tradições. (...) estamos sempre em processo de formação cultural. A cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar” (HALL, 2013, p. 49).

Em consonância com estas questões, no ensaio *Angústia e conhecimento*, de 1978, o autor de *Crônicas de um vagabundo* investiga a relação entre conhecimento e comportamento ético, concluindo que o homem pode ser educado segundo valores morais reais, porém pode ser destruído pela fidelidade a valores fictícios:

O caminho é o caminho da ética – como os valores se organizam. O erro do existencialismo, me parece, é que a consciência dos filósofos existencialistas está saturada de valores teológicos primários, e confundem existência e vida. Os valores morais válidos são os obtidos pelo conhecimento de certas exigências do corpo humano nas diversas situações, e nunca absolutas. O homem pode se educar segundo valores morais reais, e é destruído pela fidelidade a valores fictícios (RAWET, 2008a, p. 155).

Esta implicação ética da escrita e da reorganização dos “valores morais”, portanto, conota um lugar para os textos de Rawet no cânone marginal. Pois, não se trata de chamar a atenção para um discurso ético do homem universal, mas a necessidade de um discurso como resistência ao *status quo*, ao êxito como modelo e à cultura como elemento social padronizado. A escrita de Rawet, em certa medida, nos auxilia a lançar novas questões para interpretar a cultura brasileira contemporânea, ao passo que a crítica se alimenta de novas perspectivas.

O percurso da crítica aos textos de Samuel Rawet mostra-se ambíguo, como pudemos demonstrar. Esta ambivalência caracteriza-se por uma tensão, cuja fundamentação podemos encontrar nos argumentos de Stuart Hall. A questão é que a crítica não esteve atenta às tensões entre texto e suas afiliações a instituições, academias, grupos, raças, nações e gêneros (Hall, 2013, p. 234). Inicialmente optou-se por um caminho crítico estanque e binário, excetuando o caráter múltiplo do discurso de Rawet e suas implicações no campo literário, como pensou Pierre Bourdieu. O desafio da crítica contemporânea, no entanto, é fazer o texto literário dialogar com os seus intervenientes, como os conflitos identitários do próprio autor e as negociações com o mercado editorial. O objetivo deste artigo é, portanto, propor o diálogo entre o projeto literário de Samuel Rawet e o projeto literário de determinado grupo de intelectuais, que

num período de opressão encontraram na figura do marginal um modo de resistência cultural.

Rawet propunha, quer nos ensaios quer na ficção, a modificação do olhar para o outro. O marginal foi seu “alvo modificador do *status quo*”, para recuperar expressão cunhada por Alfredo Bosi no texto *Cultura brasileira e culturas brasileiras* (1992). Sendo assim, enquanto o escritor sugeria uma mudança de perspectiva – não só com a representação de sujeitos à margem, mas também, propondo um novo discurso para estes sujeitos – a primeira crítica tentava compreendê-lo sob a luz de valores tradicionais, perpetuando seu lugar à margem do sistema literário. A peculiaridade da obra de Rawet está, justamente, na perseguição a uma narrativa de resistência a modelos, pela forma e pelo conteúdo. Por isso, resguardamos seu lugar num outro cânone, o marginal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- CHIARELLI, Stefania. *Vidas em trânsito*. São Paulo: Annablume, 2007.
- CUNHA, Fausto. [Orelha do livro]. In: RAWET, Samuel. *Contos do Imigrante*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1956.
- GUINSBURG, Jacob. Os imigrantes de Samuel Rawet. In: SANTOS, Francisco Venceslau (org.). *Samuel Rawet: fortuna crítica em jornais e revistas*. Rio de Janeiro: Editora Caetés, 2008.
- HALL, Stuart. *Da diáspora – identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- KIRSCHBAUM, Saul. *Samuel Rawet: ensaios*. Brasília: LGE, 2007.
- PATROCÍNIO, Paulo Roberto Tonani do. *Escritos à margem – a presença de autores de periferia na cena literária brasileira*. Rio de Janeiro: 7letras, 2013.
- RAWET, Samuel. *Samuel Rawet: Ensaios reunidos*. In: BINES, Rosana Kohl; TÔNUS, José Leonardo (orgs.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008a.
- _____. Andanças e mudanças de Samuel Rawet. In: SANTOS, Francisco Venceslau (org.). *Samuel Rawet: fortuna crítica em jornais e revistas*. Rio de Janeiro: Editora Caetés, 2008b.
- _____. A necessidade de escrever contos. In: SANTOS, Francisco Venceslau (org.). *Samuel Rawet: fortuna crítica em jornais e revistas*. Rio de Janeiro: Editora Caetés,

2008c.

____. Na toca de Samuel Rawet, o solitário caminhante do mundo. In: SANTOS, Francisco Venceslau (org.). *Samuel Rawet: fortuna crítica em jornais e revistas*. Rio de Janeiro: Editora Caetés, 2008d.

____. *Contos e novelas reunidos*. In: SEFFRIN, André (org.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

SANTOS, Francisco Venceslau (org.). *Samuel Rawet: fortuna crítica em jornais e revistas*. Rio de Janeiro: Editora Caetés, 2008.

WALDMAN, Berta. Ahasverus: o judeu errante e a errância dos sentidos. In: SANTOS, Francisco Venceslau (org.). *Samuel Rawet: fortuna crítica em jornais e revistas*. Rio de Janeiro: Editora Caetés, 2008.